

O IDEAL CAVALEIRESCO DOS SÉCULOS XIV E XV NOS REINOS DA FRANÇA E IBÉRICOS

THE 14TH AND 15TH CENTURIES KNIGHT'S CODE OF CHIVALRY IN THE IBERIAN AND FRENCH KINGDOMS



JOICE VIVIANE SILVA⁴⁰

Resumo

Este artigo tem como objetivo identificar o perfil biográfico do cavaleiro ideal nos séculos XIV e XV, nos reinos da França e Ibéricos. Para alcançar este propósito, recorreu-se a pesquisas e análises de historiadoras e pesquisadores que exploraram fontes primárias da época referentes aos cavaleiros Bertrand Du Guesclin da França, o português Nuno Álvares, e Pero Niño, defensor da coroa de Castela. Além disso, buscou-se compreender como o uso biográfico contribuiu para a construção de um modelo ideal de comportamento e virtudes que favorecesse o fortalecimento do poder real nas formações das monarquias nacionais francesas e ibéricas.

Palavras-chave: Ideal cavaleiresco; heróis; uso biográfico.

Abstract

The purpose of this paper is to find the knight's code biographical profile from the 14th and 15th centuries, in the Iberian Kingdoms and France. To achieve this goal, reviews and analysis were conducted using works from historians and researchers who studied primary sources from that age related to the French knight Bertrand Du Guesclin, the Portuguese knight Nuno Alvares, and Pero Niño, Castile's crown defender. Also, it tries to understand how the biography's usage added to the building of an ideal role model of behaviors and virtues supporting the royal power's strengthening in the French and Iberian national monarchies rises.

Keywords: Chivalry code; heroes; biography usage.

As crônicas biográficas medievais e perfil ideal do cavaleiro

A proposta deste artigo é analisar os elementos biográficos que compunham o ideal cavaleiresco nos reinos da França e Ibéricos, no final da Baixa Idade Média. Para perceber o perfil do cavaleiro ideal, recorreu-se a pesquisas e análises de historiadoras e pesquisadores que exploraram fontes primárias daquele período, como a *Crônica do*

⁴⁰ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. E-mail: historiavi@yahoo.com.br.



Condestável, Crônica de D. João I de Fernão Lopes, o *El Victorial* de Gutierre Diez de Games e *La chanson de Bertrand Du Guesclin* de Cuvalier, fontes de cunho narrativo e memorialísticos.

Essas narrativas podem ser chamadas de crônicas biográficas, uma vez que os autores documentavam a vida e as realizações das pessoas consideradas memoráveis e dignas de serem celebradas. Esses autores, por vezes, pertenciam às casas principescas e tinham como ofício registrar os grandes feitos dos reis e cavaleiros. Suas produções foram responsáveis por assegurar que a vida de pessoas consideradas exemplares fosse admirada não só no período que viveram, mas que fossem aclamadas além do seu tempo.

Uma biografia não precisa ser necessariamente um registro que remonta desde o nascimento até a morte de um indivíduo, para que haja possibilidade de recriar o movimento de uma vida (DOSSE, 2015, p. 21). É possível utilizar diferentes registros literários e fragmentos, como as crônicas biográficas, para recriar o movimento da vida de uma pessoa.

Sobre o enlace da história e da literatura nas crônicas medievais, o historiador François Dosse, para quem a biografia é um gênero híbrido que mescla ficção com fatos da vida real e que permeia esses dois campos, salienta

O gênero biográfico encerra o interesse fundamental de promover a absolutização da diferença entre um gênero propriamente literário e uma dimensão puramente científica – pois, como nenhuma outra forma de expressão, suscita a mescla, o caráter híbrido, e manifesta assim as tensões e as convivências existentes entre a literatura e as ciências humanas (DOSSE, 2015, p. 18).

Pensando no período em que as crônicas medievais foram produzidas, é possível considerar que elas foram instrumentos para corresponder interesses e objetivos da época. Usos biográficos ocorreram em vários períodos históricos para atender diferentes propósitos. Já citando o período que vamos observar ao longo do texto, é possível exemplificar que os registros do cronista Fernão Lopes tinham como objetivo legitimar a dinastia de Avis em Portugal (BERTOLI, 2011, p. 20). Segundo a historiadora Fátima Regina Fernandes, é comum encontrar nas obras medievais “extensas biografias enxertadas no meio de crônicas particulares régias” (FERNANDES, 2020, p. 129). Entre essas biografias encontramos o que alguns historiadores denominam de biografias cavaleirescas, sendo estas, o foco deste artigo.



As crônicas biográficas medievais apresentavam uma ostentação de feitos e atitudes de nobres e cavaleiros (DOSSE, 2015, p. 15). Na identificação do que seria biografias cavaleirescas, François Dosse coloca da seguinte forma

[...]são em geral obras de encomenda, que celebram ao mesmo tempo as proezas militares e um estado de espírito, uma concepção de mundo própria dos cavaleiros, por meio de carreiras singulares e exemplares como as de Guilherme, o Marechal, Bertrand du Gueslin, Boucicaut, Luís de Gavre, João d'Avesnes...Essas biografias resultam de um processo de laicização tanto quanto de uma reivindicação de identidade de uma linhagem em sua inserção no espaço e no tempo (DOSSE, 2015, p. 152).

Para o historiador responsável pela citação acima, há uma relação mais forte entre o biógrafo e o biografado quando há empatia por parte do autor. Por esse viés podemos compreender que os cronistas medievais buscavam legitimar a forma que eles idealizavam o mundo e como as pessoas deveriam viver, por isso se esmeravam numa escrita de exemplaridade e eficácia moral. Não só por si mesmos, mas principalmente porque eles correspondiam como seus regentes gostariam de moldar os comportamentos sociais de seus militares e súditos.

A escrita sobre esses cavaleiros, naquele período, colaborou para construção de um modelo a ser seguido, não apenas em termos de vida, mas também de carreiras singulares e exemplares (DOSSE, 2015, p. 152). Foi estabelecida a ideia de uma carreira militar de referência na qual todos que aspirassem seguir esse caminho deveriam se espelhar, um ideal cavaleiresco “de beleza, de cortesia e de riqueza” (DRUCIAK, 2018, p. 253), além de conhecimento prático da guerra, incluindo “habilidade com as armas de combate e experiência no ofício da cavalaria [...]” (DRUCIAK, 2018, p. 248).

A biografia cavaleiresca foi disseminada através das artes literárias e podemos encontrar nesses relatos de vida “motivos épicos e as manifestações do maravilhoso acompanhando as cenas de batalha e os grandes feitos de armas” (DOSSE, 2015, p. 153). Dosse ainda enfatiza que este gênero permanece ligado “ao gênero épico e inspira-se na literatura, principalmente as canções de gesta e a tradição oral. Surge aí um gênero em tensão constante entre história e ficção” (DOSSE, 2015, p. 153).

A biografia que é narrativa por excelência (PRIORE, 2018, p. 76), para Dosse é “um elemento privilegiado na reconstituição de uma época com seus sonhos e angústias” (DOSSE, 2015, p. 11). E, especificamente, no caso dos biógrafos medievais, este historiador entende que para eles o cavaleiro era “um eleito de Deus cujo percurso está todo balizado de provas dolorosas” (DOSSE, 2015, p. 153).



Segundo a historiadora Marcella Lopes Guimarães, a escrita das crônicas tinha como objetivo “impedir que o tempo apague da memória dos homens os feitos ilustres de notáveis pessoas; o fim que se eleva é também didático, os homens precisam de modelos.” (GUIMARÃES, 2004, p. 11). Em paridade, Simone F. Gomes de Almeida afirma, em sua dissertação pela Unesp, que “as crônicas medievais, pretenderam guardar somente o que era digno de lembranças, ou melhor, as coisas memoráveis, que eram o que acreditavam que mais se identificava com a verdade divina” (ALMEIDA, 2010, p. 10).

Ao analisarmos as crônicas biográficas medievais e seus registros, é pertinente observar as transformações que estavam em curso no contexto dessas produções, especialmente durante o período de transição entre o final da Idade Média e início da Idade Moderna, marcado por profundas mudanças sociais, políticas e econômicas que influenciaram diretamente a elaboração dessas narrativas.

O século XV foi um reflexo da crise do século XIV, envolto de guerras, revoltas camponesas, crise econômica e peste, por conseguinte, a cavalaria medieval passava por transformações determinantes, pois neste período também ocorreu o processo de formação dos Estados Modernos europeus, que passava a contar com um corpo militar profissional e permanente.

O fato dos reinos da França e os Ibéricos estarem em processo de formação nacional e consolidação na Baixa Idade Média, apresentou a necessidade de ter um ideal de heróis para compor uma hoste permanente, pois os reis precisavam de exércitos fortes e fiéis. Logo, características de virtude eram mais que desejáveis nos cavaleiros, eram apregoadas como necessárias.

O indivíduo que quisesse fazer parte da cavalaria se sentia no dever de seguir exemplos de heróis que tinham levado esta instituição à glória e alcançar qualidades ressaltadas nas canções, poesias e crônicas que circulavam na época. Principalmente, considerando que a hoste militar seria um dos pilares mais importantes para o fortalecimento das monarquias nacionais. Portanto, era crucial a sociedade apoiar e admirar os componentes dessa entidade.

No caso dos autores das biografias cavaleirescas, eles buscavam “eleger um herói cuja busca pela glória pessoal era em honra a um senhor feudal e justificaria toda a sua atuação” (DRUCIAK, 2018, p. 5). Quando começou o processo de centralização de poder nas mãos dos reis, a honra e a fidelidade continuaram a ser características fundamentais a um cavaleiro, no entanto, passaram a ser postas em prática em nome do soberano.



É importante ressaltar que as narrativas de ideal cavaleiresco, tanto francesa quanto ibéricas, tinham por característica exaltar as aventuras individuais dos cavaleiros. Embora a intenção fosse exemplificar para um coletivo, o que se destacava era a singularidade do indivíduo.

No uso biográfico para exemplificação, heroicizar a cavalaria em conjunto, não seria tão eficiente quanto a exaltação individual, já que o herói não teria nome e nem rosto. Mas, mitificando seus componentes apresentando seus nomes e seus feitos, a eficácia da narrativa tinha maiores chances de obter seus intentos, já que as pessoas têm maior facilidade em se identificar com personagens do que instituições; pelo fato de seus semelhantes apresentarem emoções, virtudes, vitórias e experiências cotidianas.

Sobre os cavaleiros que eram retratados nos poemas, crônicas e biografias, a pesquisadora Carmém Lúcia Druciak, afirma que o que importava sobre esses personagens não era necessariamente sua trajetória como homem/pessoa, e sim como cavaleiro, *militaris persona*. Pois o que se considerava era se o cavaleiro era digno do título “melhor cavaleiro do mundo” (DRUCIAK, 2018, p. 14). Ainda assim, hipoteticamente, para quem conhecesse a vida dos cavaleiros, mesmo que fosse especificamente sua trajetória militar, era muito mais fácil se espelhar no indivíduo do que na instituição.

Os cronistas biógrafos medievais contribuíram para a criação de uma ideologia cavaleiresca baseada na singularidade dos indivíduos. Um dos aspectos dessa circunstância está relacionado com a designação do personagem de ser o melhor cavaleiro do seu reino, consagrando-o como superior aos que já haviam existido antes e aos que haveriam de nascer depois. Desta forma, a mitificação se fortaleceria baseada na ideia de que o herói seria insuperável.

A cavalaria foi favorecida pelas canções de gesta e romances. Uma literatura voltada para a exaltação do comportamento ideal, das virtudes cavaleirescas, da bravura e do heroísmo, “contribuindo para a construção de um modelo de comportamento para o homem na época” (MARTINS, 2008, p. 241).

Para entender o perfil ideal de cavaleiro para este período, é necessário analisar o funcionamento e transformações pelas quais passou a instituição da cavalaria, que foi uma organização central na Idade Média, baseada em um código de conduta moral, religiosa e social, que se tornou uma idealização da vida e comportamentos do cavaleiro em casa, em seu castelo e com sua corte.



Por definição de cavalaria, Druciak apresenta: “a cavalaria[...] concebia um corpo militar regular encarregado da defesa e proteção do rei, do reino e do povo, bem próximo em organização dos exércitos[...]” (DRUCIAK, 2018, p. 215). A cavalaria deveria, portanto, ser o reflexo de um governo organizado e hierarquizado “a cavalaria ocuparia, sem dúvida, um lugar de destaque na condução de um bom governo [...]” (DRUCIAK, 2018, p. 246).

As mudanças ocorreram devido à necessidade de “eficácia e disciplina para a batalha e não apenas de valores tão ligados anteriormente ao desempenho individual de uma cavalaria de outrora obtida pela linhagem” (DRUCIAK, 2018, p. 217). Ainda assim, os nobres estariam envolvidos com a cavalaria, demonstrando permanências nas tradições cavaleirescas.

A associação entre realeza e cavalaria, para além de ser mais uma forma de estratificar os poderes na sociedade medieval, colocando ocupantes do trono no topo da hierarquia, era também uma forma de estes adquirirem prestígio. Demonstrando valor no campo de batalha, ou pelo menos fazendo-se retratar como tal na escrita historiográfica. A ideologia cavaleiresca era também um elemento unificador para vários segmentos da aristocracia. Todos eles viam na cavalaria – pelo menos teoricamente – uma marca identitária e, simultaneamente, um corpo de valores cuja prática possibilitaria a obtenção de dividendos, segundo o binómio honra e proveito (AGUIAR, 2016, p. 124-125).

Foi fundamental para a transformação das tropas o fato de os pelotões passarem a ser constituídos de homens “segundo a sua capacidade para a batalha” (DRUCIAK, 2018, p. 101). A partir do momento em que a escolha não priorizava a linhagem do indivíduo, mas sim seu potencial de luta, os reis passaram a ter um recurso militar muito mais profissional.

No entanto, Druciak aponta que a cavalaria na França da Baixa Idade Média mesmo em transformação “detinha originalidades e permanências [...] moldada aos interesses do reino ao ‘qual o serviço de Deus e da Igreja e a defesa dos humildes deveriam estar estritamente associados’” (DRUCIAK, 2018, p. 222).

Através da análise sobre o cavaleiro Bertrand Du Guesclin, Druciak aponta que “as hostes régias eram compostas essencialmente por cavaleiros, mas o que já estava indicando uma transformação em andamento, era o acesso à cavalaria, instituição não tão fechada⁴¹ como nos séculos anteriores” (DRUCIAK, 2018, p. 36). É inegável a mudança e a abertura desta instituição militar, porém, é possível perceber que existia um

⁴¹ Nos séculos XII e XIII, a forma mais comum de ingressar na cavalaria e se tornar membro era por meio do nascimento em uma linhagem nobre. No entanto, a partir do século XIV, houve uma mudança gradual na forma como os membros dessa instituição eram recrutados. Passou-se a dar maior importância às características que representavam o ideal cavaleiresco.



determinado perfil desejável para um cavaleiro, almejava-se determinadas características nos indivíduos que formariam tal grupo.

Ao idealizar “um corpo militar que, ao ser composto por homens dignos e bons observadores de suas regras, estivesse de prontidão, à espera tão somente de um apelo real para agir em benefício do bem comum” (DRUCIAK, 2018, p. 219), visava-se a formação de uma cavalaria obediente e sempre disposta a defender o rei e seu reino. Inclusive, os autores da época escreviam essas sugestões para os governantes numa demonstração de que eles estavam conscientes do processo e da necessidade de transformação para a consolidação do poder real.

Carmem Druciak afirma que as obras que analisadas por ela, permitiram perceber a “transformação da cavalaria em um corpo militar a serviço do rei e do reino franceses de modo permanente, cujo expoente e modelo foi para eles o cavaleiro bretão, o condestável Du Guesclin” (DRUCIAK, 2018, p. 262). Ou seja, todas as qualidades desse cavaleiro era um modelo a ser seguido por todos que almejassem a carreira militar.

A guerra era uma “ferramenta de afirmação do poder régio” (DRUCIAK, 2018, p. 41), isso foi muito significativo, dado o contexto da época, em que as monarquias europeias estavam se fortalecendo, pois, a conquista de territórios era um diferencial de relevância na demonstração de força e poder. A cavalaria representava a extensão do poder do rei no campo de batalha (DRUCIAK, 2018, p. 120).

É importante refletir sobre a questão da glorificação das habilidades marciais, que eram amplamente enaltecidas. Nesta perspectiva, a guerra era o palco principal para demonstração e prova dessas habilidades, sendo, muitas vezes, sacralizada com o objetivo de legitimar as ações dos cavaleiros. Nesse sentido, Aguiar nos apresenta a seguinte reflexão

[...]efetivamente, a sociedade medieval é violenta [...] A guerra, se não é contínua, regressa frequentemente ao horizonte de cada geração. Pegar em armas para defender os seus e o que se tem, mas também conquistar e progredir, era algo de absolutamente determinante e aceite (AGUIAR, 2016, p. 135).

Sustentar uma construção heroica em torno dos cavaleiros era importante para que a instituição militar continuasse existindo, pois além de subsistir, os pertencentes a ela deveriam corresponder a um padrão desejável pela sociedade do período. Além das habilidades para guerra, o novo herói deveria possuir aspectos hagiográficos tão estimados nos séculos anteriores – os quais a permanência era desejada – e entrelaçá-los a um novo ideal de heroísmo baseado em virtudes.



Para analisar o perfil de um bom cavaleiro do século XV, este trabalho buscará referências nos estudos de Carmém Lúcia Druciak (2018) sobre o cavaleiro francês Bertrand Du Guesclin personagem que atuou no século XIV. A tese de doutorado de Druciak será uma ferramenta valiosa para compreendermos o processo de construção da singularidade heroica dos cavaleiros medievais. Perpassaremos ainda, pelas análises da historiadora Marcella Lopes Guimarães (2004; 2013) sobre o cavaleiro português Nuno Álvares e alguns apontamentos sobre o castelhano Pero Niño.

As pesquisadoras citadas acima se debruçaram sobre fontes e obras de estudos da e sobre a época. Druciak analisou obras de Philippe Mézières, Christine de Pizan, Cuvelier e Bovet entre outros, com o intuito de nos apresentar as transformações da cavalaria no período e o perfil desejável de um bom cavaleiro. Já Guimarães expõe análises a partir das obras *Crônica do Condestável*; *Crônica de D. João I* de Fernão Lopes, e o *El Victorial* de Gutierre Diez de Games.

É importante ressaltar que a representação do perfil desejável de um bom cavaleiro está inserida em um período que marca o início do processo de individualização dos sujeitos, representado principalmente pelos ideais e manifestações renascentistas e humanistas. Como observado por Dosse (2015), as biografias cavaleirescas revelam “a implantação progressiva de um individualismo que irrompe uma sociedade ainda estruturada, basicamente, por instituições fortes, de rituais intangíveis” (DOSSE, 2015, p. 153). Essa transformação social é essencial para entendermos o desenvolvimento do ideal de cavalaria.

O perfeito cavaleiro do reino francês: Bertrand Du Guesclin

Em seu aprofundamento nos estudos sobre a vida de Bertrand Du Guesclin, Carmem Druciak aponta que separar o mito da sua existência real nas narrativas do período, é impossível. (DRUCIAK, 2018, p. 5). A mitificação faz parte da construção histórica de personagens como Du Guesclin, trazendo aos historiadores que se dedicam a estes estudos, desafios de identificação entre o ficcional e o histórico. Bertrand Du Guesclin foi um cavaleiro bretão que dedicou suas armas a serviço do reino francês durante parte do século XIV e vivenciou algumas batalhas da famosa guerra dos Cem Anos, que entre seus desdobramentos está o processo de formação do Estado Nacional francês.

As características apontadas por Druciak como importantes em um cavaleiro do final do século XIV, perduraram até o século XV. Pois ainda se almejava cavaleiros



honrados e fiéis para compor os exércitos profissionais dos reinos europeus ocidentais, principalmente indivíduos que abraçavam a religiosidade católica. Um cavaleiro deveria ter valores que o qualificassem como guerreiro honrado, valente, forte e fiel. Dentro do contexto de atuação de um cavaleiro como Du Guesclin, havia grande influência da cristandade na formação cavaleiresca. Porém no final de século XIV, as virtudes cavaleirescas não estariam mais apenas a serviço da Igreja, mesmo que os militares fossem cristãos e atuassem em reinos devotos, estariam sobretudo, a serviço do rei (DRUCIAK, 2018, p. 5).

Um cavaleiro deveria ter diversas qualidades para ser digno de receber honrarias sociais, não somente para alcançar títulos, mas ser merecedor de ter sua vida e seus feitos registrados, e, conseqüentemente, eternizados. Cavaleiros de estirpe heroica deveriam exibir o garbo de vencedor, de vitorioso. Pois a narrativa valorizava o “estigma do triunfo” (DÍAZ DE GAMES, 2014, p. 8).

Neste período os aspectos hagiográficos ainda permeavam a escrita biográfica. No entanto, Druciak explica que parte dos autores não eram do clero

[...]mas eram ‘funcionários’ das casas principescas; a noção de exemplificação estará ligada também ao caráter didático que as obras [...] guardavam em si, como da História mestra da vida, e afirmação da autoconsciência de um grupo no que se refere à cavalaria enquanto grupo de homens de armas combatendo por um objetivo comum, um dos elementos que acabava os identificando, além disso, [...] esse objetivo comum foi se modificando à medida que a cavalaria sofreu regulamentações (DRUCIAK, 2018, p. 15).

A citação acima destaca que, juntamente com a construção do ideal cavaleiresco, estavam ocorrendo as transformações da cavalaria em direção a um projeto de exército permanente e profissional. Partindo deste prisma, é fundamental entendermos a definição de cavaleiro para época em questão.

Para Christine de Pizan⁴², o conceito de cavaleiro é a designação para “aquele que cavalga sobre cavalos [...] aquele que deveria combater os inimigos do bem comum. [...] E enfrentasse os inimigos do bom governo do rei” (DRUCIAK, 2018, p. 245). O cavaleiro

⁴² Christine de Pizan (1364-1430), nasceu em Veneza em 1364. Aos quatro anos de idade, mudou-se com sua família para Paris, onde seu pai, Tommaso de Pizzano, trabalharia como secretário do rei francês, Carlos V. Após tornar-se viúva em 1389, Pizan começou a compor poesias que lhe renderam atenção significativa da corte. Posteriormente, ela escreveu diversas obras e é considerada a primeira mulher escritora profissional no ocidente. A considerável quantidade de tratados de natureza política escritos por Pizan é certamente explicada pela sua presença na corte Valois e pelas suas reações diante do contexto de profunda instabilidade política da época. Seus escritos e obras foram traduzidos e circularam nas cortes de diversos reino baixo-medievais, inclusive na Península Ibérica.



“estaria ligado. Pelo seu serviço de armas a um senhor, a quem deveria fidelidade pela condição de vassalo” (DRUCIAK, 2018, p. 243).

O conceito de fidelidade, juntamente com o de honra, é um dos mais constantemente destacado nas biografias cavaleirescas, por se referir a um dever não só ao rei que o cavaleiro servia, mas também a todo reino, em uma “ligação de sujeição e amor” (DRUCIAK, 2018, p. 15). Não só amor pelo monarca, mas pela monarquia que estava se fortalecendo.

O cavaleiro deveria ser um homem justo, que somente empreenderia uma guerra se fosse justa. Se este cavaleiro fosse um capitão ou tivesse algum posto de comando, ele tinha como dever incentivar seus homens a lutarem até vencer, porém, poupando civis (DRUCIAK, 2018, p. 19). Um bom cavaleiro contava com a confiança do seu rei em suas habilidades e era recompensado com benefícios, títulos ou posto de lideranças com elevação hierárquica de patentes (DRUCIAK, 2018, p. 33).

O cavaleiro ideal deveria ser um excelente estrategista militar e seria reconhecido por isso, tanto pelo seu soberano, suas tropas e por aqueles que escreviam sobre ele. Este receberia apoio do seu monarca por ser coerente, fazer excelentes escolhas e ter sabedoria para tomar decisões, o que reflete não só na estratégia militar, mas também em boa diplomacia.

Nas biografias cavaleirescas havia o esforço de salientar o protagonismo do cavaleiro, mesmo que as ações praticadas por ele já fossem conhecidas na época e amplamente registradas por outros trovadores (DRUCIAK, 2018, p. 38). Esse aspecto reforça o entendimento que a criação do ideal cavaleiresco estendia-se além do que o próprio protagonista fazia, sua fama também dependia de aclamação através dos escritos por diferentes autores.

Para que o cavaleiro fosse merecedor de admiração, os autores da época exaltavam a imponência do adversário, quando mais respeitável fosse e o biografado o vencesse, mais era digno de consideração. Ao vencer um inimigo poderoso, demonstrava eficácia e capacidade para combate, já que um cavaleiro desejável para as fileiras do rei era aquele que até os inimigos o elogiavam, e seus adversários reconheciam os seus feitos e valor. Assim, tornava-se ainda mais “merecedor da fama a que o trovador contribuía com sua obra” (DRUCIAK, 2018, p. 31).

A disposição e a lealdade eram fundamentais na cavalaria, assim como a devoção. A religiosidade fornecia bases para sustentar o dever de integridade e zelo de um cavaleiro, não só a Deus, mas também ao rei, através do princípio da obediência. Era ideal



que os cavaleiros fossem homens de fé, preocupados em agradar a Deus e a população em geral (ZIERER, 2007, p. 102). Desse modo, Du Guesclin, representa a personificação de um cavaleiro quase perfeito, alguém representado de modo e com intenção de que as pessoas buscassem semelhar-se.

Segundo Druciak, na construção do mito de Du Guesclin, ele é apontado como generoso e justo, um salvador para a população oprimida pela guerra “o cavaleiro é aclamado por seus homens e pelos mercadores como digno de versos a serem cantados” (DRUCIAK, 2018, p. 31). Entre seus contemporâneos era visto como um cavaleiro *preux*, adjetivo que a pesquisadora explica que poderia designar diversas qualidades “capaz de grandes feitos, leal, de boa vida, cortês, cavaleiresco, cheio de baronia, audaz, destemido, sábio sem vilania” (DRUCIAK, 2018, p. 14).

Uma das principais fontes de análise de Carmem Druciak são os escritos do trovador Cuvelier, um dos pontos que ele ressalta é que se devia cantar canções sobre o Du Guesclin e suas tropas, pois eles eram dignos, por serem pessoas honradas (DRUCIAK, 2018, p. 39). Nota-se, portanto, como a questão da honra era um aspecto fundamental no perfil de um cavaleiro ideal, tanto que era um substantivo constantemente repetido pelos trovadores.

Druciak mostra que “Cuvelier ressalta as qualidades dos inimigos de Du Guesclin para exaltar seu protagonista por eleição” (DRUCIAK, 2018, p. 40). Até mesmo porque, se o inimigo do cavaleiro fosse fraco ou de certa forma insignificante, as vitórias não teriam tanta glória, e elogiar as habilidades do adversário era uma forma que o trovador encontrava para destacar ainda mais a bravura do guerreiro e caracterizar sua invencibilidade.

A importância de um cavaleiro como Du Guesclin, também pode ser ressaltada pelo seu relacionamento com o rei, que queria fazer dele um exemplo de fidelidade para os outros nobres (DRUCIAK, 2018, p. 52). Objetivava-se a formação de um exército nacional permeado pelo estreitamento de laços com a nobreza, engendrado com base nos pilares de uma lealdade inabalável.

Um cavaleiro ideal, mesmo diante da derrota, nunca fugiria do campo de batalha, deveria lutar bravamente ao lado dos seus companheiros e deveria preferir a morte à fuga

[...]nada poderia denegrir a imagem do valoroso combatente, disposto a morrer pelo senhor que reconhecia como legítimo [...] isso faz parte do perfil de cavaleiro típico das canções de gesta que aceitava com dignidade o martírio que lhe era impingido, padecendo de extremo sofrimento e guardando sua honra (DRUCIAK, 2018, p. 62).



Outro aspecto importante era a distinção entre um cavaleiro e um mercenário, já que este último era temido pelo povo por seus ataques e terrorismo contra camponeses e vilarejos. Era crucial mostrar que as qualidades de um cavaleiro se diferenciavam das atitudes dos mercenários, apesar de ambos serem homens de guerra. Um verdadeiro cavaleiro jamais deveria ser violento contra a população

os cavaleiros e homens de armas deveriam cuidar para não realizar pilhagens, roubos e muito menos violência física, principalmente contra as crianças e contra as mulheres, que ‘deveriam ser protegidas como se fossem as irmãs de seus comandantes. (DRUCIAK, 2018, p. 213).

Desta forma, os cavaleiros eram exortados a não cometerem excessos de violência, a fim de preservar a ideia de uma batalha abençoada. Nesse sentido, Marina Sartori Martins aponta que a cristianização adentrava a prática e a ética cavaleirescas

[...] o cavaleiro era proibido de fazer saques ou pilhagens a lugares sagrados, deveria entender a vitória como uma vontade divina, respeitar todos aqueles que não pudessem se defender, mostrar misericórdia aos vencidos (MARTINS, 2008, p. 240).

Para traçar ainda com mais detalhes o perfil da excelência cavaleiresca, Druciak também analisou a obra de Honoré Bovet, que tinha um ponto de vista baseado na religiosidade e justiça. Para ele, um cavaleiro deveria empreender uma guerra somente se ela fosse justa “tendo em vista o bem comum, sem ser dirigida pela vingança, nem pela crueldade” (DRUCIAK, 2018, p. 227).

[...] as gentes de armas seriam nada mais do que o flagelo de Deus para punir os pecadores, e se as guerras atingiam os bons e os justos, isso seria creditado para sua glória quando recebido nos céus. Além disso, seria um indício de uma guerra *injusta* aquela motivada pela cobiça dos grandes senhores em ter grandes domínios e ocupar cidades, reinos e senhorios pertencentes a outrem, o que daria o direito reconhecido ao lesado de empreender guerra e recuperar o que lhe pertencera. (DRUCIAK, 2018, p. 228).

Bovet ainda exalta a força da alma e a inteligência, segundo Druciak

O escritor afirma que a força física é fundamental para se empreender batalha, mas ela não serviria a nada se não comandasse a força da alma que Bovet entende como inteligência estratégica para a batalha e temor aos ensinamentos das Escrituras. A essa primeira virtude, são acrescentadas mais três: justiça, temperança e sabedoria, todas elas próprias a manter o combatente perseverante nas batalhas e afeito a saber esperar [...] (DRUCIAK, 2018, p. 232).

Para Bovet um cavaleiro poderia desobedecer a seus superiores somente se as ordens envolvessem cometer um pecado, mas até esse ato mostraria certa honra do cavaleiro, já que optaria pela justiça e a verdade. Para este autor, um bom cavaleiro não



deveria se deixar levar pela ira, nem ser inconsequente. Deveria também se afastar da valentia baseada no desejo pecaminoso de obter riquezas (DRUCIAK, 2018, p. 233).

É fundamental analisar com cuidado os relatos dos cronistas da época, pois devido as suas posições dentro das casas reais, poderiam tender a suavizar atitudes pouco cavaleirescas dos nomeados heróis. Ressaltando que quanto mais sofridos fossem os obstáculos a serem superados pelo cavaleiro, mais seu valor aumentava (DRUCIAK, 2018, p. 76). Enfrentar um adversário ardiloso, perigoso e cruel, tornava a guerra justificável e o heroísmo ainda mais notório.

Druciak ressalta que Cuvelier “exalta as qualidades do inimigo de Du Guesclin, buscando justificar, no caso, a derrota honrosa de seu herói a um oponente de grande valor” (DRUCIAK, 2018, p. 80). É importante para a construção da narrativa sobre o herói que ele não seja motivo de desmoralização. Até o fato de ser derrotado deveria ser visto como um ato de glória, pois seria uma situação em que o cavaleiro teria enfrentado com valentia e altivez. A pesquisadora afirma

[...] a construção da narrativa em Cuvelier sempre busca justificar os percalços por que seu herói passou, segundo um retrato bem construído de seus inimigos e que assim manteria quase que imaculada uma imagem de Du Guesclin que muito contribuiu para sua mitificação de cavaleiro modelo (DRUCIAK, 2018, p. 80).

É interessante notar que quando a situação apontava que o cavaleiro poderia ter tomado uma decisão errada ou inconveniente, o trovador não escrevia nada sobre o assunto. Pois era apropriado construir uma imagem favorável à propagação de sua fama.

A legitimidade que cavaleiro alcançava era dada pelo rei, e suas ações em campo de batalha eram justificadas pela convicção de que faria tudo que fosse preciso para proteger o reino. A eficiência do cavaleiro não deveria ser apagada, nem que para isso fosse necessário enfatizar a crueldade e a tirania do adversário.

Situação interessante foi quando ofereceram o posto de condestável⁴³ a Du Guesclin e este tentou recusá-lo alegando não ser digno do posto. Condestável entre os séculos XIII e XIV era a pessoa que “assumia funções militares tornando-se chefes das hostes na ausência do monarca” (DRUCIAK, 2018, p. 93). Em sua análise Druciak aponta o valor que o cronista Jean Froissart⁴⁴, que exaltava os grandes feitos da cavalaria, atribuiu a tal posto

⁴³ Condestável: ocupava o segundo posto na hierarquia militar, logo abaixo do rei.

⁴⁴ Jean Froissart (1364-1405) foi um importante cronista da Baixa Idade Média, que narrou histórias dos reinos da França e Ibéricos.



Para ele, não seria compatível um homem que não conhecesse a tamanha honra que lhe era conferida com a *connétable*. Era preciso que Du Guesclin se mostrasse humilde e capaz ao mesmo tempo, merecedor do favor de toda uma corte (DRUCIAK, 2018, p. 95).

Considerando que o cavaleiro foi eleito para este posto, entendemos que ele era visto como ideal pelos mais altos membros da aristocracia. No entanto, ao recusar ele demonstrou humildade diante do seu senhor, já que a arrogância e prepotência não seria características admiráveis em um nobre cavaleiro.

A importância da eleição/nomeação de Du Guesclin foi motivo para aumentar ainda mais sua fama. Na cerimônia, um dos destaques foi a espada, “[...] a espada era a principal arma do cavaleiro e sofreu vários aprimoramentos tanto para um combate mais eficiente, como para carregar em si as marcas de uma aristocracia, em ornamentos e inscrições” (DRUCIAK, 2018, p. 98-99). A espada é um dos maiores símbolos da cavalaria e representante material da singularidade de um cavaleiro, como ressaltado por Druciak

Se nas lendas arturianas a espada configura como extensão do poder divino ao ser conferida ao cavaleiro, sendo que esse poder era referendado pela igreja que “absolveria” as violências cometidas por ela, em Cuvelier, mantém-se a sua materialidade em evidência, agora como extensão mais contundente do poder régio. Receber a espada do condestável pelas mãos do rei era ter legitimidade para agir conforme a necessidade estabelecida pelo monarca (DRUCIAK, 2018, p. 99).

Du Guesclin foi responsável por mudanças no sistema de financiamento das tropas, sistematizando os pagamentos dos homens de armas (DRUCIAK, 2018, p. 100). Esse fato demonstra iniciativa por parte do cavaleiro, que buscava soluções militares para fortalecer o reino, percebendo que mediante aos conflitos e a necessidade de vencer o adversário, era fundamental aprimorar a eficiência do desempenho dos homens de armas.

O surgimento de novas regulamentações favoreceu maior centralização do poder real, como a que o rei confiava suas tropas aos chefes de batalha, essas medidas tiveram reflexos pelos anos seguintes e na sociedade como um todo. As novas regulamentações apresentavam como deveria ser o comportamento das tropas que serviam ao rei e como a população ajudaria manter esse importante pilar do reino. A partir de 1445, Charles VII ordenou que o

contato entre essas tropas e a população civil deveria dali em diante ser bastante regulado por leis que regessem o comportamento dos homens de armas e a contrapartida de recursos a serem oferecidos pelos munícipes que passariam a exercer papel fundamental para o bom funcionamento e provisão dos pelotões (DRUCIAK, 2018, p. 101).



Um elemento de destaque fundamental na cavalaria era a disciplina. Um soldado ou cavaleiro devia ser obediente, respeitar as novas leis militares e saber se portar mediante a população civil. Ter como princípios, ainda, “dizer a verdade, promover a paz, proteger a integridade física de seus companheiros de armas, lutar apenas quando o comando de seu capitão ou senhor, não temer a morte e ser generoso” (DRUCIAK, 2018, p. 234). Honestidade e irmandade, também eram elementos reputados como indispensáveis para a cavalaria.

Em sua análise, Druciak exemplifica como devia ser um bom cavaleiro na corte de Charles V, ressaltando que ser cavaleiro desta corte não era um posto qualquer,

havia todo um preparo físico e intelectual encontrado apenas nos ‘melhores entre mil’. [...] E ainda, o cavaleiro deveria prestar evidências de quatro virtudes: boa sorte, inteligência, diligência e força; além disso, trabalhar em conjunto com seus pares formando uma ‘corrente de vários anéis’, e merecer a pensão financeira oferecida pelo reino e pelas cidades (DRUCIAK, 2018, p. 104).

Ou seja, existiam pré-requisitos para ser um cavaleiro da corte, o indivíduo deveria ser merecedor, pois fazer parte do pelotão do rei já seria motivo de honra e reconhecimento social, no entanto, deveria apresentar características que o fizesse se sobressair entre os demais. Um cavaleiro ideal não deveria demonstrar somente força física, mas também revelar inteligência.

Um cavaleiro de alta estirpe e honra, seguiria com uma áurea de mitificação até o momento de sua morte, principalmente nos relatos de sua confissão e recomendações em seus momentos finais. Du Guesclin até no findar de sua vida pensou em seu soberano e seu reino, demonstrando preocupação em relação como seu sucessor iria servir bem o seu senhor. Ou seja, um nobre cavaleiro, até na despedida de sua própria vida, colocaria sua fidelidade ao rei e ao reino em evidência nos esforços dos seus últimos suspiros (DRUCIAK, 2018, p. 109).

No caso do cavaleiro Du Guesclin, o fortalecimento do mito ganhou forças com sua morte, quando o rei designou para o condestável uma sepultura digna da família real francesa. O cavaleiro bretão foi louvado na sua morte como o mais valente e sempre leal cavaleiro. Sua morte representou uma grande perda para o reino (DRUCIAK, 2018, p. 106). Esta era a imagem que deveria ficar para os próximos cavaleiros, ser tão essencial para o reino que sua morte represente uma perda inestimável.

O cavaleiro ideal nos reinos ibéricos



O modelo de cavaleiro exemplar não existiu somente na formação do reino francês, é possível encontrar também essa idealização cavaleiresca nos reinos ibéricos. Nesse sentido, Adriana Zierer aponta que “no século XV, o cavaleiro era ainda uma categoria social de grande destaque na sociedade portuguesa” (ZIERER, 2007, p. 93).

A busca pela glorificação de heróis na Península Ibérica também tinha o propósito de centralização do poder em seus reinos (ALMEIDA, 2010, p. 10). Considerando o contexto, a “valorização do ideário cavaleiresco na Península Ibérica está intimamente relacionada com o processo da Reconquista, que representou esperanças e oportunidades para cavaleiros europeus desejosos de glórias e riquezas” (NORDIN, 2002, p. 195).

Os autores das cortes ibéricas também buscavam construir a imagem de um herói baseado no enaltecimento do “homem que não deixasse sua marca não só na sua geração, mas nas posteriores” (ALMEIDA, 2010, p. 10). Segundo a historiadora Marcella G. Lopes, a vida do cavaleiro português Nuno Álvares Pereira, registrada pelo cronista do século XV Fernão Lopes se encaixa no perfil de cavaleiro modelo,

[...] é um exemplo bastante interessante de síntese entre o relato histórico e o modelo da cavalaria. [...] Nuno Álvares é singularizado como o melhor cavaleiro de Portugal, quase um santo, amava cavalgar, montar, ouvir e ler justamente histórias da Távola Redonda. Nascido entre a fidalguia, ele se afastava de sua natureza, de perseguir privilégios, pela defesa de sua terra (GUIMARÃES, 2004, p. 47).

Nuno Álvares é representado como um cavaleiro exemplar que renunciou seus próprios interesses. Além de sua capacidade de resistir aos pecados mundanos, que se tornaria um fator de justificativa pela razão dele ter se tornado um cavaleiro,

[...] ele tem a força necessária para vencer a mais penosa de todas as batalhas: aquela que se trava no próprio interior humano contra os vícios e os pecados, que servem para o desvio do correto caminho (NORDIN, 2002, p. 204).

Era honroso um cavaleiro conseguir se afastar dos considerados pecados mundanos. Este não deveria estar mergulhado no orgulho, nem na avareza e luxúria. Uma característica importante entre os melhores cavaleiros era a ausência de vícios “dentre os quais mais enfatizados pelos os *oratores* era a luxúria” (ZIERER, 2007, p. 100). No caso de Nuno Álvares, a capacidade de resistir o pecado e se afastar do mal, o tornava ainda mais louvável.

Assim como Du Guesclin passou pela mitificação na França, em Portugal, esse processo ocorreu com Nuno Álvares Pereira através das crônicas de Fernão Lopes. A imagem que o cronista português passa do cavaleiro é de uma coragem incondicional, de



um cavaleiro que não temia pela própria vida (NORDIN, 2002, p. 202). Adriana Zierer (2007, p. 89) aponta que é “bom lembrar que ele é o exemplo do herói sem máculas”. É importante destacar que tanto no reino francês quanto no ibérico, o elemento religioso na vida de um cavaleiro era essencial para sua boa fama.

Para Fernão Lopes, segundo Nei Nordin (2002, p. 203), “o cavaleiro deveria ser reparador de injustiças, defensor dos fracos, de incontestável fidelidade ao seu senhor e seguidor de preceitos cristãos. A ética cavaleiresca é um espelho da sociedade feudal, que exalta a função guerreira”.

Similar a Du Guesclin, que era exaltado por ser um excelente estrategista de guerra, Nuno Álvares se destacava por possuir “considerável habilidade militar para desbaratar os inimigos em batalhas previamente planejadas, o que previamente vai de encontro ao modo cavaleiresco que não primava pela estratégia, mas sim pela coragem impensada contida no ‘ardido coração’” (NORDIN, 2002, p. 203).

Na narrativa francesa, o condestável Du Guesclin era valorizado por sua estratégia, enquanto na ibérica, Nuno Álvarez é aclamado por ser intrépido. Suas imagens foram construídas para que a sociedade reconhecesse o quanto eles eram essenciais para seus respectivos reinos e por isso mereciam ser admirados. Além disso, ambos os cavaleiros são apresentados como únicos em sua grandeza, como se nenhum outro igual existisse antes deles, que alcançaram o que ninguém jamais havia conseguido, trazendo inúmeros bons proveitos ao reino, e que o defenderam como ninguém.

Esse posicionamento colabora com a construção de imagem santificada, que se insere em um modelo hagiográfico. Assim como os santos, estes bravos cavaleiros também passavam por sofrimentos e privações (ZIERER, 2007, p. 89). Essa característica hagiográfica é ainda mais perceptível na narrativa construída a respeito de Nuno Álvares quando comparada à de Du Guesclin.

Outra questão importante para voltar a ressaltar, é que os autores da época tentavam legitimar as ações do cavaleiro e tornar a guerra um aparato sagrado e aprovado por Deus (DRUCIAK, 2018, p. 58). Além do mais, ao cavaleiro, convinha zelar pelos princípios da cristandade, ser temente a Deus e obter o reconhecimento do clero. Um homem de armas deveria ser um perfeito cavaleiro cristão. Neste quesito, Nuno Álvarez se destacava por orar antes das batalhas e ter uma crença inabalável em Deus (ZIERER, 2007, p. 98).

Tanto Du Guesclin quanto Nuno Álvares foram condestáveis e por isso tiveram honrarias adicionadas em suas biografias: a de bons líderes, e exemplos para seus



comandados. O condestável francês era descrito como valente, bom líder e capaz de motivar as tropas (DRUCIAK, 2018, p. 104). Já a campanha sob o comando do português, segundo Nei Nordin (2002, p. 205), era descrito da seguinte forma: “seu acampamento não parecia uma hoste de guerreiros, mas sim uma honesta religião de defensores. Seus homens sentiam por ele mais reverência que temor”. Ao mostrar os condestáveis reverenciados pelos seus subordinados, os cronistas colocavam suas virtudes ainda mais em evidência.

Os dois cavaleiros são representados como eleitos de Deus e devotados às causas de seus respectivos reinos, e podem ser descritos além de modelos militares, foram também exemplos de virtude (ZIERER, 2007, p. 88). Estes homens de armas eram representados como guerreiros que lutavam pelo bem contra o mal e as heresias.

Os dois cavaleiros são referidos como os melhores de seus reinos, mas a questão da religiosidade é mais latente na construção da imagem de Nuno Álvares, que era visto como quase um santo, pois este se preocupava com a proteção aos mais fracos “procurando aplicar a justiça e não os desamparando, fornecendo-lhes víveres” (ZIERER, 2007, p. 97). A este cavaleiro ainda se atribui a castidade e atitudes digna de louvor como dar esmolas e participar de procissões (ZIERER, 2007, p. 95).

É importante ressaltar que

O modelo cavaleiresco de d. Nuno é diretamente contrário ao modelo do *romance cortês*, que é aquele seguido pela nobreza castelhana e pela maior parte da nobreza portuguesa. Este último também pode ser entendido como ‘velha nobreza’ criticada por Fernão Lopes (ZIERER, 2007, p. 94).

Podemos perceber que os dois modelos mencionados, representavam os ideais para uma nova cavalaria tanto na França quanto em Portugal. As virtudes heroicas faziam parte das transformações pelas quais as instituições militares cavaleirescas destes reinos estavam passando. É possível verificar que um bom cavaleiro na Península Ibérica, tinha que ter características muito parecidas com o perfil francês, acrescidas qualidades como cavalgar bem e ferir em justa. No entanto, era atribuído que o cavaleiro tinha essas qualidades devido a um favor divino que poderia ser aprimorado através da prática.

Um bom homem de armas, segundo D. João I, deve ter bom fôlego, ser ligeiro, forte, capaz de combater com armas, ferir em justas e cavalgar bem, mas o que definitivamente faz com que os homens de armas sejam capazes é a natureza, uma graça de Deus, e o exercício (GUIMARÃES, 2004, p. 58).

Para D. João I, que tinha Nuno Álvares como comandante militar, um bom homem de armas devia principalmente cavalgar bem “para servir bem o senhor, andar folgado,



honrado, guardado, temido [...]” (GUIMARÃES, 2004, p. 62). Havia uma preocupação que os cavaleiros estivessem mais preocupados em agradar as mulheres, do que com as questões militares. Por isso, segundo Guimarães (2004), era necessário buscar exemplos de cavaleiros de virtude, para que os homens do rei soubessem além de dominar bem o cavalo, saber como se portar na vida.

O próprio rei D. Duarte (1433-1438) queixava-se, no *Livro da Ensinança do Bem Cavalgar toda cela*, de que os cavaleiros e escudeiros já não tivessem nos jogos e exercícios a cavalo a mesma prática e destreza de outrora, dedicando seu tempo em atividades mais leves e festivas (cantar, dançar, vestir e calçar) (NORDIN, 2002, p. 196).

Marcella L. Guimarães (2013, p. 109) nos chama atenção para a crônica sobre Nuno Álvares, que além de encontrar exaltações como “nobreza, a honra, a grandeza, a destreza nas armas e largueza dos Pereira. Obviamente, interessa ao cronista valorizar a figura do pai [...]”. Ou seja, sua linhagem é evidenciada, o que não acontece na análise da biografia de Du Guesclin, que traz mais elementos a fim de valorizá-lo por suas habilidades do que linhagem e ainda assim, ele “passaria a representar, no imaginário medieval, um cavaleiro digno de glória e exemplaridade” (DRUCIAK, 2018, p. 253).

Druciak (2018, p. 46) mostra que nos anos iniciais do século XV, na França, “na transformação da cavalaria em corpo militar especializado, cujos comandantes deveriam antes mostrar experiência e êxito nos empreendimentos guerreiros convocados em nome do seu rei”, buscava-se não mais a valoração por linhagem, mas por competência e resultados nos campos de batalha. Enquanto em Portugal, a questão da linhagem ainda se mostrava um quesito estimado.

Uma hipótese sobre o motivo pelo qual Portugal ainda fazia questão de manter como atributo de relevância a linhagem, pode ser baseada nos apontamentos apresentados por Nei Nordin (2002, p. 190), assim, “a imagem que se propagava do cavaleiro era um exemplo a ser seguido por todos, mas nunca acessível a todos”. Possivelmente, caso se tornasse acessível a todos, não teria o mesmo *status* de glória que a cavalaria ostentava, além de manter marcas de nobreza.

Entre os heróis cavaleiros medievais ainda podemos mencionar o castelhano Pero Ninõ, apresentado nos escritos de Gutierre Diez de Games em o *Victorial*, como um herói que empenhou uma trajetória de sacrifício pessoal a serviço régio de Castela, e combatente cobiçado pelos outros reinos cristãos (FERNANDES, 2020, p. 129-131-145). Segundo Rafael Beltran Llavador, esta foi a primeira biografia da língua espanhola.



Pero Niño se difere em muitos aspectos de Du Guesclin e Nuno Álvares, não somente por servirem coroas diferentes, mas pelo fato que o primeiro experimentou a capitania em alto mar. “Pero Niño foi um cavaleiro do mar, capitão de frota, que combateu corsários e infiéis” (GUIMARÃES, 2013, p. 118). Outro aspecto que difere os três cavaleiros abordados neste texto, é a questão da religiosidade. Nuno Álvares recebe o maior destaque neste quesito por seu conhecido fervor, os relatos sobre Pero Niño foram voltados mais a sua devoção às mulheres do que às questões religiosas. Além do mais, o último ficou conhecido como amante e cortesão que sabia trajar-se de natural elegância (GUIMARÃES, 2013, p. 116).

Segundo a análise de Marcella L. Guimarães

As trajetórias de Nun’Álvares e Niño, cada um a seu modo, com diferenças interessantes e muitos pontos de contato, se desenvolvem a partir da ideia de que ambos incorporaram um honrado ofício de forma singular, que sofreram e foram invejados, ora Games não esconde que o mal também poderia nascer no seio da cavalaria, vítima ela também da corrupção do orgulho e da inveja (GUIMARÃES, 2013, p. 114).

Todos os nomeados como cavaleiros exemplares sofreram e foram invejados, esses aspectos fazem parte da construção da imagem de herói de exemplaridade. Um bom cavaleiro sofria inveja até mesmo dos nobres da corte do seu próprio rei. No entanto, o herói cavaleiro não se vinga por isso, ao contrário, ele se posiciona de maneira piedosa e conciliadora diante dos invejosos. Porém, muito mais do que isso, deveria exhibir a honra cavaleiresca adquirida através dos feitos militares e esse era “sem dúvida, o aspecto mais louvado, e é também aquilo que define o *modus vivendi* cavaleiresco” (AGUIAR, 2016, p. 135).

Para além de tudo que experienciou em vida ativa, um cavaleiro ideal carregava o estigma da exemplaridade até no momento de sua morte, de modo que até seu último ato era algo a ser relatado de forma gloriosa. Du Guesclin encerrou sua vida com uma morte digna de ser narrada, devido seu apego religioso nos últimos suspiros, e teve sua memória perpetuada através de sua sepultura (DRUCIAK, 2018, p. 119). Nuno Álvares, até depois da morte, foi visto como santo, além de, no final da vida, passar a viver como religioso para alcançar a purificação, também fundou um mosteiro, “após a sua morte é dito que foram feitos muitos milagres no local e de seu corpo saía um bom odor, característica dos santos” (ZIERER, 2007, p. 92).

Os adjetivos de honrarias acompanhavam os cavaleiros até seus túmulos. Tendo as descrições assinaladas em “epitáfios tumulares, com claro objetivo por parte das



linhagens em projetar uma memória glorificada dos seus antepassados” (AGUIAR, 2016, p. 28). Esta era uma declaração de que o cavaleiro havia cumprido seus desígnios com o objetivo de reforçar a honra do personagem e consolidar os valores cavaleirescos. Segundo Aguiar (2016, p. 28), “é uma prova da importância da cavalaria na sociedade do século XV”.

Analisando um cavaleiro do reino francês do século XIV, um português que viveu entre os séculos XIV e XV, e um castelhano do século XV, foi possível verificar que Nuno Álvares tem características mais aproximadas com Du Guesclin. Já Pero Niño, ainda que com diversas diferenças aparentes se aproxima mais de Nuno Álvares. Mas, o exercício, a atribuição na habilidade com armas e a honra singular, pertence a todos eles.

Marcella L. Guimarães (2013, p. 122) conclui que, nessas crônicas biográficas, confirmam-se a excepcionalidade desses indivíduos marcadas principalmente por coragem e destreza. E ainda destaca, que mesmo com as claras diferenças entre Nuno Álvares e Pero Niño, assim sendo santo ou amante, “o cavaleiro tardo-medieval ibérico, pintado em sangue que sustenta os reinos, ainda suporta com multiplicidade de elementos a sua razão principal, o exercício de armas” (GUIMARÃES, 2013, p. 123).

Considerações finais

As crônicas biográficas cavaleirescas tinham por objetivo a exemplaridade e eficácia moral, e nos mostra como o uso biográfico foi fundamental em processos políticos mais amplos, como o das formações das monarquias nacionais francesa e ibéricas. Um cavaleiro era exaltado, de modo que todos deveriam não somente admirar, mas adotar as mesmas características. Principalmente de amor, devoção e fidelidade ao rei e ao reino, que buscava fortalecer e centralizar o poder real.

Essas biografias cavaleirescas foram essenciais para os objetivos daquele período político, quando intencionava-se moldar os interesses da época utilizando pessoas consideradas modelos, que eram exaltadas pelo seu comportamento e virtudes. Os elementos de característica moral deveriam ser esculpidos e moldados, a fim de que se estabelecesse uma ordem, em que a hierarquia e a disciplina fossem aspectos valorizados e fundamentais entre os governados do reino.

Nesta perspectiva, essas biografias escritas em forma de crônicas e gestas, sustentavam o ideal da força e da coragem dos homens de armas, que eram portadores de valores positivos. Cavaleiros exemplares, que eram símbolos do esforço, da sujeição e da



justiça, os quais, trovadores aclamavam, que tinham alcançado recompensas pelos seus feitos e virtudes, tanto em vida quanto na morte.

Heróis como Du Guesclin, Pero Niño e Nuno Álvares, foram construídos com o objetivo didático de ensinar quais valores as pessoas deveriam cultivar, e a legitimidade dava-se pelo discurso de que esses cavaleiros, além de serem pessoas notáveis, suas ações continham a bênção divina e a aprovação do rei. Foram modelos políticos ideais a serem seguidos, pois protegiam e defendiam o rei e o reino fielmente, e não se rebelavam, aspectos imprescindíveis para a consolidação de um reino forte e com intenções expansionistas.

Data de Submissão: 24/03/2023

Data de Aceite: 01/07/2023

Referências

AGUIAR, Miguel Pereira. **Ideologia Cavaleiresca em Portugal no século XV**. 2016. 148 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos Medievais) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2016. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/83846>. Acesso em: 07 jun. 2021.

ALMEIDA, Simone Ferreira Gomes de. **A figura do herói antigo nas crônicas medievais da Península Ibérica (Séculos XIII e XIV)**. 2010. 117 fls. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, UNESP, Franca, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/113673>. Acesso em: 07 jun. 2021.

BERTOLI, André Luiz. História interdisciplinar e a análise de crônicas portuguesas do século XV. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, ano VIII, v. 8, n. 1, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/297>. Acesso em: jul/2021.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. 2ª ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DRUCIAK, Carmém Lúcia. **A escrita da História na França de 1380 a 1404: As representações discursivas sobre o cavaleiro Bertrand Du Guesclin. (+1380)**. 2018. 338 fls. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná. Cotutela com a Université de Poitiers, França, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/56612/R%20-%20T%20-%20CARMEM%20LUCIA%20DRUCIAK.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 maio 2021.

FERNANDES, Fátima Regina. El Victorial um relato de mobilidades: os cavaleiros e corsários Pero Niño e Gutierre Diez de Games (1378-1453). **Revista Diálogos Mediterrânicos**, [S. l.], n. 18, p. 128-156, 2020. DOI: 10.24858/387. Disponível em:



<https://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/387>.

Acesso em: 20 maio 2021.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. Crônicas Ibéricas de cavaleiros: escrita, cultura e poder no século XV. **Revista Signum**, v. 14, n. 1, 2013. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/97>. Acesso em: 15 jul. 2021.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Estudo das representações de Monarca nas crônicas de Fernão Lopes (Séculos XIV e XV). O espelho do rei: “-Decifra-me e te devoro”**. 2004. 285fls. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24735?show=full>. Acesso em: 15 jul. 2021.

MARTINS, Marina Sartori. Nuno Álvares Pereira e a apologia da cavalaria na crônica do Condestável (século XV). **Revista Vernáculo**, Paraná, n. 21-22, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/20823> . Acesso em: 26 ago. 2021.

NORDIN, Nei. O ideário cavaleiresco e o universo arturiano nas crônicas de Fernão Lopes. **Anos 90** - Revista do Programa de Pós- Graduação em História UFRGS, Porto Alegre, n. 16, 2001/2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6232>. Acesso em: 26 ago. 2021.

PRIORE, Mary Del. Biografia, Biografados: Uma janela para a História. *In*: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

ZIERER, Adriana. O Nobre e o Rei: A influência de Galaaz na Elaboração da Imagem de Nun' Álvares Pereira. **Brathai: Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, v. 7, n. 2, 2007. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/526>. Acesso em: 26 ago. 2021.

Fontes

DÍAZ DE GAMES, Gutierre. *El Victorial*, Rafael Beltrán (ed.), Madrid, Real Academia Española, 2014.